

Meu nome é Andrea Pesek,
e a minha formação é de arquiteta.
Eu fiz FAU, estudei Arquitetura na USP...
e estudei um pouco de filosofia antes.
Eu cresci na natureza.
A minha família tinha um sítio,
e todo fim de semana nosso programa era ir pro mato,
um mato bem selvagem,
com luz de lampião... não tinha eletricidade...
não tinha nem água,
então a gente tomava banho de canequinha.
Eu tinha um cavalo, e meu pai gostava muito de água.
Então, no sítio tinha nascente,
e ele fez uma represa enorme.
Então, a minha infância foi nessa represa.
Eu entrava com o cavalo na represa...
e a minha vivência, então, quando jovem,
foi muito em contato com a natureza.
E depois eu fui crescendo...
Aí fui fazer faculdade de Arquitetura.
E, quando eu tava na faculdade, eu tive a minha filha.
E aí, quando ela nasceu,
eu olhei para aquela criança e falei:
"Nossa! Como eu vou criar ela nessa cidade dura?
Como eu vou criar uma criança nessa cidade?".
Então, quando ela tinha uns 10 dias,
eu me mandei pro sítio e fui morar lá com ela.
E ela ficou lá uns cinco anos comigo.
A gente ficou...
numa imersão na natureza.
E aí eu voltei pra São Paulo, pra poder trabalhar.
Casei de novo, tive mais filho, então eu comecei a trabalhar.
Em todos os momentos eu sentia muita falta da natureza,
muita falta!
É angustiante, mas... enfim...
eu tinha que criar os filhos, ir pra escola e o trabalho...
E aí um dia a minha filha chegou e falou:
"Mãe, sabia que tá rolando
uma horta comunitária...
ali na Praça das Corujas?".
Aí eu falei: "Nossa! O que é isso? Horta comunitária?!".
Aí fui lá correndo ver o que era.
E tava ali começando a acontecer...
a Horta das Corujas.
Aí eu já entrei de cabeça e tô lá até hoje.
Ei! Chegamos!
Beleza?!
Ai, como a gente é...
Tudo bom?
E aí?!
O que vocês estão fazendo?
Ufa...!
Ó o que eu plantei aqui...
Ah! Nossa!

Olha que delícia!
Gente!
Ah, que demais...!
Ontem tinha uma criançada...
pirando com as borboletas aqui.
Ah, tinha tanta borboleta...!
Tá linda, hein?!

E aí, qual é a demanda hoje?
Ah, tem uns manejos, né?!

Mais lá pra cima...!
Manejar as juçaras?! Vamos?!

Acho que lá tá meio...
Ali, né?!

Passar pra trás, né?!

Passar pra trás.

Eu trouxe umas mudinhas... a gente planta, né?! Beleza!
Então, bora... bora !

A mudança de chave, pra mim,
foi quando eu fiz a primeira expedição com o "Rios e Ruas",
que é uma iniciativa...
que leva as pessoas pela cidade...
ao longo do curso dos rios.

Eu morava em São Paulo e achei que só tinha Rio Pinheiros...
Rio Tietê, Rio Tamanduateí... e era aquilo.

E, nessa expedição, eu soube que a cidade de São Paulo...
tem milhares de quilômetros de rios ocultos...
pela urbanização,
todos canalizados, porém vivos.

E eu escutei uma frase...
que foi a frase que mudou a minha vida,
que é: "Rio não morre".

Então, eu saí da expedição...
e comecei a andar pela cidade com essa percepção ativada...
de que os rios estão vivos embaixo dos nossos pés.

E eu comecei a ter...
um grande desejo de libertar eles,
de ajudar a libertar eles.

E comecei a ficar desesperada: "Como eu vou fazer isso?".
E, logo esse seguida, foi esse encontro na Horta das Corujas.
E na hora tem nascentes.

Então eu fiquei fascinada com isso e falei:
"É por aí...
"que a gente vai conseguir libertar nossos rios...
e abrir esses caminhos de natureza na cidade."
Juçara, você vai morar em outro lugar.
Acho que é aqui.
Vai ficar perto do córrego.
Ela fica muito perto do córrego.
Vamos passar ela lá pra trás.

O jeito que a permacultura entrou na minha vida
foi ao contrário. Não é que eu fui estudar permacultura...
e depois eu falei: "Eu sou permacultura". Foi o contrário.
Em abril de 2013,
eu comecei a fazer parte de um coletivo...

que tava nascendo...
que é o coletivo "Ocupe e Abrace".
Foram por volta de 15 pessoas que se reuniram...
que moravam perto de uma praça na Pompeia,
que se chamava Praça Homero Silva...
e hoje é conhecida como Praça das Nascentes.
Esse é o maior espaço verde do bairro da Pompeia.
Tem 12 mil metros. Era um território abandonado...
tanto pelas pessoas, quanto pelo poder público.
As pessoas que chegaram nesse momento...
vieram mais ou menos como um chamado da praça mesmo,
e com o mesmo desejo...
de transformar aquele espaço num lugar vivo de novo.
Essa praça abriga as nascentes do riacho Água Preta.
A primeira vez que entrei lá, já conhecia nascente urbana,
porque eu trabalhava na Horta das Corujas,
então eu já sabia reconhecer nascente urbana,
eu entrei e vi poças e poças e poças e poças de água,
e era tempo de seca.
Eu falei: "Gente, que coisa incrível!
Que maravilha! Aqui tá cheio de nascente."
Aí esse grupo começou a se reunir...
Durante muitos meses,
a gente começou a fazer um processo de...
de escuta profunda daquele lugar,
de escuta do que os moradores antigos...
desejavam que aquele lugar fosse,
e de ocupar e abraçar.
Então, a gente começou a fazer mutirões, mutirões...
e foi restaurando as nascentes que estavam estagnadas,
escondidas pela urbanização,
como todas da cidade, quase, né?
E a gente foi restaurando as nascentes
e formando um sentido de comunidade,
onde um cuida do outro,
a gente juntos cuida da terra, da água, da natureza...
Então, a permacultura...
eu nem sabia o que era nessa época, a gente nem sabia!
E depois a gente foi ver o que era permacultura e falamos:
"Era isso que a gente tava fazendo, né? Que legal!".
A gente então descobriu que...
a permacultura é o caminho natural...
de quando você...
trabalha junto com natureza e junto com comunidade.
Então aí ela faz muito sentido!
Essa praça, há cinco anos atrás,
era um lugar completamente abandonado
e... as pessoas não tinham coragem de entrar na praça.
Ela era um lugar violento, perigoso...
e cheio de mato, de lixo...
e cheio de nascentes!
Então, a gente começou a fazer uma imersão aqui,
e foi... e começou a cuidar das nascentes daqui.
Elas estavam todas escondidas, estagnadas,

e a gente foi libertando essas águas...
em mutirões, nos fins de semana,
e hoje a gente tem oito nascentes aqui restauradas.
Aí a gente construiu dois lagos...
essas águas vão todas pra esses lagos,
e esses lagos são um berço de... centenas de vidas!
Então a gente tem peixes, caranguejos, girinos, sapos...
que mantêm o equilíbrio natural.
A gente não precisa de veneno pra mosquito da dengue,
se a gente tem lagos assim, nesse sistema, na cidade,
eles são antídotos ao mosquito da dengue.
Então não precisado fumacê.
Outra coisa que a gente tá falando aqui...
é sobre os nossos rios ocultos,
que temos... milhares deles na cidade.
E como a gente pode recuperar eles...
reintegrar eles na nossa vida,
na nossa paisagem, no nosso cotidiano...
e como que a comunidade tá cuidando deles
e sendo exemplo para o poder público.
Então, é o inverso.
São as pessoas... dizendo pro poder público
como que elas querem que essas águas sejam cuidadas.
Essa é uma das nascentes que a gente restaurou.
E ela tá sempre correndo, mesmo nos tempos de seca...
essa aguinha nunca para de... de fluir.
Todas vão dar no lago.
Essa é a primeira nascente que a gente restaurou...
é a nossa cacimba.
A gente instalou na nascente, no olho da nascente,
uma bombona toda furada,
e tem um filtro de britas em volta.
Então é uma água que entra e sai, não é uma água parada,
e... tem aqui um ladrão,
então a água que sobra da cacimba, acaba indo pro lago.
E... a gente usa essa água pra regar,
regar a horta, regar as plantas da praça.
É uma água limpíssima!
A gente analisa a qualidade dela, e ela é boa!
Numa escala de péssima, ruim, regular,
boa, ótima, ela é boa.
Então, a gente super pode usá-la pra regar, pra...
Até tem gente que toma ela, assim!
Toma banho aqui, tem gente que vem tomar banho,
morador de rua vem lavar roupa...
Então, ela tem muitos usos!
Com a praça revitalizada e devolvida pra cidade,
ela passou a ser um lugar acolhedor
pra diversas pessoas, grupos e iniciativas.
E uma delas, muito linda, é o Cerrado Infinito,
do Daniel Caballero, um artista plástico.
E ele traz plantas do Cerrado,
das bordas da cidade, de terrenos baldios, pra cá...
e mostra que aqui também era Cerrado!

Era uma transição entre o Cerrado e a Mata Atlântica.
Então, na Praça da Nascente
a gente tem o convívio desses dois biomas.
E a conversa entre o Cerrado e as nascentes
é muito interessante e muito poderosa também.
Porque as plantas do Cerrado,
elas trabalham numa dinâmica assim,
as raízes são muito profundas...
Então, quando chove, a água da chuva
tem um canal pra poder entrar
e abastecer os aquíferos profundos.
Que é difícil de abastecer.
Se a gente acaba com essas plantas e o Cerrado,
como ele vem sendo tratado, vem sendo devastado,
a gente não vai mais conseguir recarregar
esses aquíferos profundos
e a gente não vai ter água na cidade de São Paulo.
Em 2014, a gente soube que uma incorporadora
tava adquirindo oito casas lindas
ao terreno da Praça da Nascente.
E imediatamente, a gente entrou com uma ação
no Ministério Público, pra barrar a construção
de um edifício de 22 andares
e três andares de subsolo, sobre nascentes.
Aqui tem três nascentes certificadas
pelo Instituto Geográfico e Cartográfico.
Então, não pode construir
nada em cima das nascentes.
E a nossa vontade é transformar isso
num decreto de utilidade pública
e incorporar esse terreno à praça,
fazer uma agrofloresta linda, fazer um lago lindo.
E o que começou lá atrás, com um bando
de malucos e sonhadores cavando lagoa,
hoje tá se formando um grupo que tá fazendo
uma proposta de um projeto de lei
de proteção das nascentes urbanas.
Que não existe ainda essa lei.
Cuidado pra você não cair. Vai.
Oba!
Olha a terra...
É!
A terra aqui em comparação com a da praça...
é impressionante!
É! É impressionante!
Jesus!
Cheia de vida!
É molinho, né?
É molinho!
Acho que já deu!
Elas são grandes!
Olha, Lucio, como brota água.
Tem uma pedra aqui em baixo.
Ai, você consegue pegar?

O meu nome é Lucio,
e eu tô estudando
pra entrar na agroecologia agora.
Eu venho aqui na horta faz uns seis meses
e é bem interessante, assim, o trabalho que é feito aqui.
Você poder trabalhar a terra,
plantar as suas próprias sementes.
E você ver a evolução do trabalho,
acompanhar as estações do ano.
Quando eu comeceiacho que tava...
no finalzinho do verão, então a horta tinha
outra cara do queela tem agora, por exemplo.
Que já tá no inverno, você já vê essa mudança,
e é uma experiência muito legal, assim.
Você acompanhar os ritmos da natureza, né?
Tá aqui, Ro!
Tá aqui os smurfs.
Eu sou a Rosângela Zanchetta, faço parte do grupo
de voluntários da Horta das Corujas.
Faço parte da horta aqui há uns dois anos.
Quando eu vim já tava em processo, né?
Eu moro muito próximo daqui, e essa praça, ela é cuidada
pela comunidade, né? Uma praça enorme!
Não é só a horta, né?
A praça toda é cuidada pela comunidade.
A gente temo córrego aqui ao lado.
Que é um dos únicos córregos limpos, abertos de São Paulo.
E a nascente deleé logo ali em cima.
Aqui na horta a gente tem nascente também.
O trabalho aqui na horta foi uma revolução na minha vida.
Porque você começa a se sentir parte de uma comunidade...
dentro da cidade de São Paulo.
Então, mudou muito a minha qualidade de vida.
A horta me proporcionou estar mais em São Paulo do que antes!
Por que fim de semana tinha vontade de sair de SP
pra buscar a natureza, né?
Com a horta não tenho mais essa necessidade.
A gente recebe muito mais do que... dá!
Quando você começa a mexer com a terra
e cuidar da terra... o retorno que você tem
é muito maior do que você dá o seu tempo aqui.
Meu nome é Mity Hori, sou administradora de empresa
e voluntária aquida Horta das Corujas.
A horta tem seis anos, eu tô aqui há quatro anos!
Eu sou uma das pessoas que tá no rodízio, né,
pra ajudar a regar na época da seca.
Eu venho uma vez por semana pra regar
e geralmente venho mais outro dia da semana,
pra plantar e pra olhar o que a gente fez na semana,
se tá tudo certo ou não.
Olha, quando eu descobri aqui a horta, assim,
mudou tudo na minha vida!
Eu gosto muito de cozinhar,
e eu entrei aqui um dia e vi ervas

que não vendem no supermercado.
E daí, a partir disso comecei a querer frequentar.
E depois eu descobri que o que você planta aqui,
porque é aberto, tem abelha, tem inseto,
é muito melhor do que o terraço da minha casa.
Então, a partir daí eu comecei a vir mais aqui na horta.
E mudou tudo! Eu fui entendendo
a importância de regar, a importância do solo!
A importância de tudo! E foi uma transformação pra mim!
E o fato de você ter que vir na horta
pra fazer uma atividade e você tem que vir
com frequência no mesmo lugar, né?
Então, você vai conhecendo mais gente, né?
E é super legal porque tem gente que tá aqui hoje,
que é minha vizinha do prédio e eu conheci aqui.
Acho que, se não fosse esse ponto de encontro,
acho que dificilmente a gente teria se encontrado, né?
Êê, cachoeira!
Pra se fazer uma horta comunitária,
precisa primeiro desse desejo,
de algumas pessoas com esse desejo em comum,
de um lugar e começar, sabe?
Começar experimentando mesmo!
E vai melhorando a terra, vai fazendo um canteirinho.
E com o tempo, mais pessoas vão juntando.
Então, é muito o trabalho de fazer uma egrégora
de proteção pra esse lugar.
Se dedicar a ele com muito afeto,
envolve muito afeto!
E usar tudo o que você tem ali, sabe, usar os recursos locais.
A gente a perceber a abundância que a gente tem nas mãos.
Folhas, galhos, resto de poda,
as coisas que a gente jogaria fora
e que a gente pode usar pra melhorar o solo.
E o recurso humano, né? Que o mais importante
numa horta comunitária, é isso!
É a comunidade que se forma em torno dela.
E aí, ela só tem a prosperar!
Se a gente persiste ao longo do tempo,
ela só tem a prosperar!
O que eu percebo, é que não tem nada
mais poderoso do que o sonho coletivo
quando a gente trabalha junto com a natureza!
Não existe nada mais poderoso!
As pessoas têm uma capacidade
de se organizar horizontalmente
e de cada um, com o seu talento,
entrar num equilíbrio, numa harmonia
e num fomento criativo de ideias e ações,
que não tem parada, assim, não tem volta!
E é isso que tá acontecendo na cidade, né?
A cidade tá assim, cheia de iniciativas...
e essa inteligência coletiva, vibrante,
é coisa mais poderosa que existe!

E... hoje, a gente tá...
criando políticas públicas!
Contra toda essa dureza
do agronegócio, do agrotóxico, da natureza subjugada...
vem a resposta nossa,
que é... essa revolução gentil, né?
Vem a permacultura, vem a agroecologia,
vem os coletivos, as hortas comunitárias.
Então, não tem volta!
Eu preciso de um composto aqui. Aqui, olha!
Eu vou lá pegar!
Vou deixar água aqui pra gente.
Eu vi nessa cacimba!
Deixa eu só tomar um gole de chá.
Gente, tem chá aqui, viu?
Isso é pra gente não esquecer onde ele tá, né?
Você tá cuidando do espaço onde tá! Não é só da sua casa!
Então, a gente tá realmente precisando
passar por essa etapa da onde a gente cuida
do que nos pertence! Que é o espaço público, né?
Então, em todos os lugares onde tem...
um espaço público ocupado por cultura,
por horta, por qualquer atividade
que una as pessoas, é muito importante!
Promove... uma saúde, né?
É uma saúde não só do meio ambiente,
que vai repercutir na saúde das pessoas,
mas é a saúde também do afeto!
Foi uma visão equivocada da cidade.
Durante muitos anos, a gente viveu
essa visão equivocada de que a água
precisa ser canalizada, a água é suja.
Os rios são canais de esgoto.
Então, essa visão equivocada custou muito caro pra cidade.
Tem volta, e a volta é...
tecnologias de permacultura.
Não adianta a gente querer limpar o rio Tietê
jogando química, limpando como eles vem fazendo há anos.
A gente precisa olhar pra nossa abundância de nascentes
e limpar os rios da nascente à foz,
todos os corretozinhos que chegam nos grandes rios.
E isso vai fazer a cidade...
virar um lugar de abundância!
Porque quando você tem água limpa,
você tem todas as possibilidades de regeneração!
A revolução gentil é a nossa resposta!
A resposta das pessoas comuns.
Contra toda essa... loucura dos venenos,
do agrotóxico e da natureza sendo subjugada.
Então, a nossa resposta
é a permacultura, é a agroecologia,
é a biodiversidade, é trabalhar em coletivo,
é inteligência coletiva...
Então, a revolução gentil, na verdade,

ela tá em cada gesto, assim!
Cada pequeno gesto, anônimo!
De cuidar de um pedacinho da terra...
e de... ser gentil com ela!
A terra foi muito judiada, né?
A terra tá precisando de... gentileza, de atenção.
E da gente perceber que a gente é parte da natureza.
A gente não é: a gente aqui e a natureza ali.
Então, a revolução é essa. É a gente se colocar
como uma das presenças da natureza!